
Igreja e poder na comunicação

Catholic church and power in communication

*Kenia Maria Menegotto Pozenato**
*Lorraine Slomp Giron***

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar resultados do Projeto “100 Anos de Comunicação”, relativos aos meios de comunicação na Região Colonial Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. No levantamento feito, observou-se que foi grande o papel da Igreja Católica na fundação de jornais, estações de radiodifusão e cinemas. Tal fato marcou a Região, que foi povoada por imigrantes europeus provenientes, em sua maioria, do Norte da Itália, que aqui chegaram entre 1872 e 1914. A Igreja fundou jornais, abriu e fechou cinemas e organizou redes de comunicação no setor de rádio. Para a realização deste trabalho, que seguiu a metodologia clássica da historiografia, foi necessário um levantamento exaustivo de fontes escritas e orais, sendo realizadas mais de cem entrevistas, criados seis Bancos de Dados e coletado material iconográfico. O trabalho divide-se em três partes: os primeiros tempos, a consolidação, e a ação da Igreja nos meios de comunicação da região.

Abstract: This paper aims to present the results of the Project 100 Years of Communication, related to the means of communication in the Italian Colonial Region in Rio Grande do Sul (South of Brazil). While collecting data it was observed the Catholic Church has had a great role in founding newspapers, radio stations and movie theaters. Such a fact has marked the region, because it was populated by European immigrants that mostly came from North Italy, and arrived in the region between 1872 and 1914. Church has founded newspapers, opened and closed movie theaters and organized communication nets in radio sector. To accomplish this research, which has followed the classical methodology of historiography, it was necessary an exhaustive survey from written and oral sources. We have carried out more than 100 interviews, created six databases, and collected iconographic material. This work is divided in three parts: the first years, the consolidation, and the Church action in means of communication in the region.

* Pesquisadora e professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* KMMPozen@ucs.br

** Pesquisadora e professora na Universidade de Caxias do Sul (UCS). *E-mail:* loraines@terra.com.br



Palavras-chave: Igreja. Poder. Comunicação. Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.

Keywords: Catholic Church. Power. Communion. Italian Colonial Region in Rio Grande do Sul.

Introdução

Em pesquisas sobre a história da comunicação na RCI no Rio Grande do Sul, realizadas entre 1999 e 2005, buscou-se, de forma exaustiva, levantar fontes documentais e orais, através das quais se traçou a trajetória dos meios de comunicação. As pesquisas tiveram como área de investigação cerca de cinquenta municípios originários da antiga RCI, composta das colônias Alfredo Chaves, Antônio Prado, Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel, criadas pelo governo imperial no Nordeste do Rio Grande do Sul, entre 1875 e 1885.

No decorrer do levantamento dos dados, observou-se que foi grande o papel da Igreja Católica na fundação de jornais, estações de radiodifusão e cinemas. Tal fato marcou a Região que foi povoada por imigrantes europeus provenientes, em sua maioria, do Norte da Itália, que chegaram à Província entre 1872 e 1914. Como os imigrantes em grande parte eram católicos, houve um esforço da Igreja Católica em enviar sacerdotes italianos para acompanhar os milhares de desterrados na sua trajetória na ocupação das terras devolutas da encosta do Planalto Meridional, cobertas pela mata.

Além da Igreja, também ordens religiosas como as dos scalabrinianos, capuchinhos, camaldulenses, josefinas, carlistas, entre outras, seguiram o périplo da imigração, criando escolas e jornais, influenciando com eles a cultura regional. A vida religiosa, de certa forma, compensou a ausência de laços com a nova pátria e a carência de meios para a realização de ritos religiosos e de passagem. Muitos dos imigrantes que não praticavam a religião na terra natal tornaram-se líderes nas novas organizações que criaram: as capelas. As capelas, como organização associativa única no mundo, constituíram um espaço social que marcou a região em seus costumes, em sua paisagem e em sua cultura.

A presente comunicação trata da questão da influência da Igreja Católica nos meios de comunicação regional. Está dividida em três partes:

os primeiros tempos, a consolidação, e a ação da Igreja nos meios de comunicação da região.




Os primeiros tempos

Muitos imigrantes sabiam ler e procuravam se manter informados sobre o que acontecia na Itália e, conseqüentemente, com o que se passava com os familiares que lá permaneceram. A correspondência pessoal e os jornais italianos serviam para amenizar essa carência de informações. Na memória de descendentes de migrantes, ficou gravada a imagem de avós lendo jornais como uma de suas primeiras atividades matutinas. O Cônsul italiano, no final do século XIX, Ancarini (1983, p. 58), diz: “Entre os periódicos e jornais italianos que chegam a este município, mencionarei os seguintes: La Tribuna e La Patria, de Roma; Il Corriere della Domenica, La Tribuna Italiana e Il Fanfulla, de São Paulo”.

Com o correr do tempo, os imigrantes passaram a se interessar também por fatos que ocorriam no Brasil, bem como por notícias de amigos e parentes que também viviam aqui, mas em outros lugares. Isso pode ser comprovado pela correspondência que existe ainda hoje nas famílias e nos arquivos históricos italianos e brasileiros. Por outro lado, com a proclamação da República (1889), a política estadual adotou uma forma de divulgação agressiva, que não havia sido adotada pelo Império.

Em 1897, foi criado o primeiro jornal da região, quando a população regional era superior a oitenta mil habitantes, as colônias haviam se tornado distritos, e alguns já haviam se emancipado, como era o caso de Caxias, município criado em 1890. A emancipação política e a existência de eleitores e de tipografias, nas quais nasceram os jornais, possibilitou a criação do primeiro jornal de Caxias: *O Caxiense, defensor das colonias italianas e orgam republicano*. Como o próprio nome indica, era órgão do Partido Republicano, ligado à política do governador Júlio de Castilhos. O primeiro número circulou no dia 15 de outubro de 1897, que se tornou o marco do jornalismo regional. A data era propícia, visto que era feriado municipal, dia de Santa Teresa, padroeira da Paróquia da vila.


O surgimento do *Il Colono Italiano* foi a resposta católica ao jornal *O Caxiense*, considerado maçônico pelos sacerdotes locais. O primeiro




número do *Il Colono Italiano* data de 1º de janeiro de 1898, tendo circulado até 21 de agosto de 1898. (ADAMI, 1962). Seu fundador foi o padre Pedro Nosadini. Era escrito em língua italiana e vendido ao preço de cem réis. No primeiro número o texto não é subdividido em intertítulos e, após o segundo número, passou a apresentar anúncios publicitários.

O novo “*Bollettino cattolico mensile*” [Boletim católico mensal] traz, na sua primeira página, sua linha editorial e se propõe a advogar as causas dos católicos italianos e emigrados de Caxias e da região. O *Il Colono Italiano* será o amigo, o conselheiro, o guia, o advogado dos católicos italianos imigrados em Caxias e nas colônias circunvizinhas. Fornecerá a eles interessantes notícias da “querida e bela Itália”.

Como observa Ancarini,



Caxias é um dos poucos municípios da zona colonial que conta com uma tipografia e um jornal local. Por mais de uma vez iniciou-se a publicação de periódicos italianos ou brasileiros, que tiveram sempre curta duração, por falta de número suficiente de assinantes. Foi o que aconteceu em 1897 com um pequeno jornal semanal, *O Caxiense*, e em 1898 com um jornal clerical bimensal, escrito em italiano, intitulado *Il colono italiano*. (1983, p. 58).



No final do século XIX, a composição de um jornal ainda era toda realizada de forma primitiva. As gráficas operavam com tipos móveis de metal, feitos com uma liga de antimônio, chumbo e estanho, manipulados um a um para fazer a composição dos textos, e os prelos também eram manuais. Na realidade, as gráficas foram as matrizes dos periódicos locais.

Com o surgimento de dois jornais de tendências diferentes, Caxias passou a contar com novos espaços para a discussão política e o enfrentamento entre maçons e católicos, que marcou os primeiros anos dos municípios criados a partir das antigas colônias. De certa maneira, a querela entre a Igreja e o Estado italiano são revividos na região por meio dos dois jornais que representam a Maçonaria e a Igreja em terras coloniais.

Tanto em Caxias quanto em Bento Gonçalves funcionavam Lojas maçônicas. Em Caxias funcionava, desde 1888, a Loja Força e Fraternidade. Em Bento Gonçalves, desde 1894, funcionava a Loja Concórdia. Grande número de imigrantes fazia parte desta sociedade; em Caxias, havia 103 membros e, em Bento Gonçalves, 69. (COLUSSI, 1998, p. 570).



O padre Nosadini, fundador de *Il Colono Italiano*, definiu sua ação à frente da Paróquia de Santa Teresa de Caxias como uma luta constante contra a Maçonaria, que ele responsabilizava tanto pela anexação dos Estados Pontifícios ao novo Reino da Itália quanto pelas desordens administrativas no Município de Caxias.

A respeito do padre Nosadini e dessa contenda contra a Maçonaria, Gardelin diz:

Ele veio para cá trazendo as idéias, choques e conflitos da Unificação italiana e ele era papalino, veio atritar aqui, em meio a duas coisas: em primeiro lugar, os “carbonários” e, em segundo lugar, a Maçonaria brasileira, que são duas coisas completamente diferentes. [...] Saiu daqui profundamente magoado e deve ter voltado para a Itália, mas aquele entusiasmo nunca mais renasceu nele, entretanto, ele teria perfeitamente atendido às necessidades da população. (HENRICHS, 1988, p. 24).

Os enfrentamentos entre o Padre e os maçons locais já foram analisados por Pozenato e Giron em vários artigos e pesquisas, como se pode ver em “Católicos X maçons: imigrantes italianos: imprensa e lutas políticas”. (DREHER; RAMBO; TRAMONTINI, 2004, p. 537).

Novos tempos

O segundo jornal surgido em Caxias foi fundado em 13 de fevereiro de 1909, em Caxias, por Dom Carmine Fasulo, com o nome de *La Libertà*. O número 45, no seu segundo ano de existência, já foi impresso em Garibaldi, quando passou a se chamar *Il Colono Italiano*. Essa alteração é explicada, segundo a mesma fonte, por Frei Caetano de Monte Belo, da seguinte forma:

Stava per cadere il giornale, quando per iniziativa di sacerdoti di varie parrocchie e approvazione dell'autorità ecclesiastica, Dom Giovanni Fronchetti, parroco di Garibaldi, coadiuvato dai RR.PP. Cappuccini e da due buoni cattolici, il Dr. Adolfo Moreau e il capitalista Giovanni Carlotto, comprò il giornale e lo transportò in Garibaldi. (STELLA, 1987).

Segundo Clemente e Ungaretti,

O padre João Fronchetti viu a necessidade de um jornal para manter os católicos na boa leitura. Resolveu comprar do Padre Carmine Fasulo o jornal *La Libertà* de Caxias. Em 1910 tomou o nome de *Il Colono Italiano*, passando depois a *La Stafetta Riograndense*, que dirigiu até 1921, quando passa para os padres capuchinhos. [sic]. (CLEMENTE; UNGARETTI, 1993, p. 36).

A denominação *Il Colono Italiano* foi usada de 12 de março de 1910 a 5 de junho de 1917, quando o jornal passou a se chamar *Staffetta Riograndense*, nome que durou 24 anos e com o qual se tornou um dos jornais mais importantes da região. Durante os anos de 1914 a 1918, devido à Primeira Guerra Mundial, esse jornal enfrentou problemas, sobretudo os de ordem política, por ser escrito em italiano.

O *Il Colono Italiano* foi criado para ser um boletim católico mensal. Suas dimensões eram de 37cm x 27cm e, como os dois jornais anteriores, tinha quatro páginas e formato grande.

Para a imprensa regional católica, fundamental foi o encontro realizado em janeiro de 1912 no convento dos Capuchinhos, em Garibaldi, onde foram definidos, entre outros pontos, os moldes para “[...] um jornal genuinamente *católico e italiano* redigido com critérios modernos e batalhadores”. (COSTA; DE BONI, 1996, p. 41, grifo das autoras).

Em 1912 foi criado, em Bento Gonçalves, o *Corriere d'Italia*, cujo redator-chefe era o padre Estevão Minetti. O novo semanário “[...] ganhou logo a estima geral e entrou não somente nas casas dos bons, mas também de quem estava longe da religião, levando-lhes um vigoroso raio de fé”. (COSTA; DE BONI, 1996, p. 42). Com a transferência do padre Minetti, ficou em seu lugar o padre Henrique Domingos Poggi, que dirigiu um jornal que tinha muitos assinantes, mas poucos pagantes e que acabou encerrando suas atividades em 1921.

Il Corriere d'Italia foi outro jornal católico, fundado em 1913 pelo Pe. Henrique Domingos Poggi, da Congregação Carlita, e apresentava um tamanho grande. Era editado pela Società Anonima Editrice, pertencente à congregação, que procurava acompanhar os imigrantes italianos em todas as partes do mundo, dando-lhes assistência espiritual e material. Era editado em língua italiana e seguia a orientação da



Congregação. Circulou até 1928, demonstrando, pelo tempo de circulação, a influência da Igreja nos meios de comunicação regionais.

O padre recorreu, então, à ordem de São Carlos, que ajudou com “uma grande soma de dinheiro para sanar as finanças” (1996, p. 42), tendo oferecido também o padre João Constanzo para dirigir o jornal, onde permaneceu até 1918.

O jornal se apresentava como neutro, porém trazia notas políticas, notícias da Itália e o correio do leitor, em que revelava as posições políticas do padre Henrique Poggi, que, como muitos dos sacerdotes da região, defendia o federalismo. Confirmando esta conclusão, Caprara afirma:

Até 1915, isto é, antes da Itália entrar na 1ª Guerra Mundial, os seus editoriais defendiam a manutenção e vigência da Tríplice Aliança, formada pela Alemanha, Áustria-Hungria e Itália. Aconteceu porém, que a Península denunciou o tratado e participou do conflito com os aliados. Assim posicionado, aquele semanário encampou, apaixonadamente, a causa dos aliados. Entretanto, no vizinho município de Garibaldi, circulava o *Il Colono Italiano*, sob a direção de D. João Fronchetti, tirolez obstinado e a favor dos impérios centrais. Fiel à Áustria, sua pátria, o jornal de D. João Fronchetti combatia a Itália, originando-se assim, acesa polêmica com *Il Corriere D'Italia* local [sic]. (CAPRARA, 1991, p. 56).

Esse tipo de polêmica envolvendo jornais ligados à Igreja Católica revela que, mesmo dentro de uma mesma instituição, havia sérias divergências políticas, e que seu caráter religioso não excluía posições antagônicas. As divergências aparecem de forma clara no confronto entre os dois padres.

Ainda segundo essa autora,

O debate nas colunas dos dois órgãos, tornou-se agressivo. E, a folha local ao referir-se ao seu colega de Garibaldi, denominava *Il Colono Austríaco*, revivendo a secular inimizade dos tirolezes e italianos na velha Europa [sic]. (CAPRARA, 1991, p. 53).

Assim, no próprio Clero regional, as opiniões se dividiam entre os defensores do reino da Itália e os do império Austro-Húngaro. Nos primeiros tempos da colonização, tirolezes e italianos não mantinham entre si relações amistosas, revivendo, na região, as velhas querelas resultantes da unificação italiana.



Entre 1897 e 1930 duas são as linhas editoriais dos jornais na região: a primeira é política, ligada ao PRR, e a segunda é a linha editorial ligada à Igreja Católica, cujos membros, para fazer frente tanto à Maçonaria quanto ao positivismo que dominavam o Estado, buscavam um espaço alternativo através da imprensa, para garantir votos aos seus candidatos e ainda alertar os católicos contra essas doutrinas, consideradas subversivas pela Igreja.

Na Itália, a Igreja, em 1929, assinara em Roma com o governo fascista, os Pactos Lateranenses, que puseram fim à Questão Romana. Com a pacificação da Igreja, a adesão ao governo de Mussolini se tornou maior e, na RCI no Rio Grande do Sul, a ação fascista ganhou novo impulso. Tal situação resultou no aumento da propaganda das realizações fascistas pelos párocos locais. Nos jornais católicos regionais, a nova orientação da Igreja foi revelada de forma clara. Uma das lutas regionais foi a criação do bispado (iniciada em 1928) e que contou com o apoio das lideranças fascistas locais, visando a unir os municípios povoados por italianos, separando-os de Porto Alegre. Isso ocorreu em 1936.

Nesse período, circularam na Região 27 periódicos, na sua quase totalidade em língua portuguesa, exceção feita ao *Stafetta*, cuja publicação ocorria em língua italiana, mas, mesmo esse, em 1939, passou a ser escrito em língua portuguesa. Após 1945, retomou algumas seções em italiano, para atender seus leitores, em sua maioria da região rural e que ainda mantinham o gosto pelo dialeto. Apesar das reformulações sofridas, o *Correio Riograndense* continuou sob a orientação dos Freis Capuchinhos e, portanto, da Igreja.

Em 1951, o jornal *Correio Riograndense*, em pleno período democrático, foi levado a julgamento pelo seu diretor, Frei Ambrósio Tondello, por ter publicado uma crônica humorística onde era ridicularizada a posição de um desembargador do Estado. (COSTA; DE BONI, 1996, p. 46).

Para dar melhores condições ao jornal *Correio Riograndense* e ampliar os serviços gráficos, o definitivo decidiu construir um prédio de três andares ao lado do convento Imaculada Conceição. Em 5 de maio de 1952 foi inaugurada a Editora São Miguel e em 15 de junho vinha de Garibaldi o *Correio Riograndense*. (BAGGIO, 1996, p. 556).



Com o surgimento da Editora São Miguel, o jornal e os serviços prestados ganham nova dimensão e importância. Nesse ano, o número de assinantes chegou a 50 mil.

Outro jornal que sofreu reestruturação com profundas mudanças foi *O Momento*. De órgão defensor do Partido Republicano, havia se tornado, durante o Estado Novo, um órgão da comunidade caxiense, já que os partidos políticos haviam sido extintos. Apesar da separação aparente em relação a um partido, o periódico continuava vinculado às classes conservadoras caxienses, com um agravante: um dos seus diretores, inclusive, era maçom. Preocupada com o avanço do comunismo e julgando leiga a posição de *O Momento*, a Igreja, através das autoridades religiosas locais, resolveu assumir a direção do jornal. Por interferência direta do bispo de Caxias, o jornal mudou sua orientação.

Segundo Marcon,




o falecido Dom José Barea estava muito preocupado com a penetração do Partido Comunista que a Igreja postergava de forma frontal, e esta preocupação levou-o a adquirir o jornal “O Momento”, não materialmente as oficinas do jornal mas a orientação deste, porque a propriedade material do jornal continuou em mãos do velho Emílio Fonini, que era o proprietário, mas a orientação do jornal que vinha sendo feita pelo falecido Dr. Alexandre Ramos, naquela época advogado de Caxias, esta orientação é que foi adquirida pelo Bispo de Caxias [sic]. (HENRICHS, 1988, p. 39).

O Momento, porém, tendo se tornado um jornal de orientação religiosa, não tinha uma posição de extrema-direita, ao contrário, defensor que era da harmonia entre o capital e o trabalho.

Ainda segundo de Marcon,

nesta ocasião, fui convidado para dirigir o jornal “*O Momento*” e foi aí que eu comecei a minha atividade em jornal em Caxias, em 1946. Dirigi por um bom período o jornal “*O Momento*”, dentro da orientação que a Igreja emprestava à atividade jornalística da época, além da atividade jornalística se procurou também trazer a Caxias vários conferencistas com uma orientação ideológica de combate à doutrina comunista que naquela época era realmente uma coisa radical, mas que depois com o tempo veio a se mostrar como realmente é, não o bicho-papão que se pretendia que fosse (HENRICHS, 1988, p. 39).





Em Caxias do Sul, circularam, nesse período, 15 jornais. Além do *Pioneiro* e do *Correio Riograndense*, circulou ainda o *Jornal de Caxias*, que foi um marco na renovação do jornalismo regional, ligado ao grupo do *Correio Riograndense*, portanto, aos Capuchinhos. Adotou uma linha editorial renovadora, abrindo espaço para o pensamento adotado pela Igreja, que representava única voz a ser ouvida em tempo de ditadura, durante a qual, a imprensa, pressionada pelo Ato Institucional n. 5 (AI5), era obrigada a se calar. Deve-se lembrar que foi sob o influxo de Puebla, resultado do Concílio Vaticano II, que a Igreja procurou se aproximar do povo e de suas necessidades materiais.

Enquanto o *Correio Riograndense* mantinha uma postura mais conservadora, o *Jornal de Caxias* abriu espaços para intelectuais antes cerceados em seu poder de manifestação pelo *Pioneiro*, que, durante esse período, adotou a mais reacionária das atitudes, aplaudindo de forma declarada o governo militar.

Jornalistas jovens e com posições mais abertas passaram a dirigir o *Jornal de Caxias*, destacando-se Renato Henrichs, que abriu espaços para a intelectualidade caxiense. Segundo o próprio Henrichs, o *Jornal de Caxias* era um jornal basicamente comunitário. Tentava ser

um porta-voz da comunidade caxiense, fechando essa lacuna que o *Correio Riograndense deixava*, e fazendo concorrência ao *Pioneiro*, que era semanário e que era tecnicamente mal feito. Na época, o *Pioneiro* nem era impresso em *off set* [...]. Foi criado pelos Capuchinhos [...], Moacir Molon assumiu a edição, a direção do jornal. Houve uma estruturação comercial maior e foram contratadas pessoas. O Paulo Cancian, que trabalhava na TV, foi trabalhar no jornal. Tinha o Evaristo Dal'Alba, depois tinha o João Cláudio Garavaglia, o Luis Carlos Corrêa, pessoas que hoje ainda estão aí, na ativa, com a exceção do Dal'Alba que morreu, mas todos passaram pelo *Jornal de Caxias*, que começou a fazer, naquele período, um jornalismo incisivo, um jornalismo muito atuante; até coincidiu também com a abertura do processo democrático no Brasil. E isso, a gente acha que era pouco, na época, mas contribuiu muito. Havia uma certa ânsia das pessoas quererem conhecer as coisas. E o jornal, jornalisticamente, editorialmente, foi fantástico. (HENRICHS, 2003).

Ainda segundo Henrichs (2003), o *Jornal de Caxias*, “[...] era isento, tendo uma preocupação em denunciar e mostrar os fatos como realmente



aconteciam, mantendo uma postura crítica diante deles. [...] Era um jornal verdadeiramente atuante”.

Sua influência foi muito grande, pois melhorou os quadros e a técnica jornalística, no que foi seguido pelo *Pioneiro*, que também implantou a impressão em *off set*.

O *Jornal de Caxias* circulou entre 1973 e 1987, quando a abertura política se instalou no Brasil, enquanto a Igreja fechava-se sob o impacto do novo pontificado. Em 1980, foi vendido para o *Pioneiro*. Quando o *Pioneiro* se tornou diário, o *Jornal de Caxias* foi fechado, relembra João Cláudio Garavaglia que fechou a última edição do jornal.

Do jornal às rádios

A atuação da Igreja Católica na imprensa da região não se limitou à imprensa escrita. A Rádio Difusora Garibaldi, inaugurada em 25 de fevereiro de 1956, nas dependências do salão paroquial *Rex Populi*, foi a terceira rádio da Província dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, tendo sido precedida pela Rádio Cacique, em Lagoa Vermelha, e Cristal, em Soledade. (COSTA; DE BONI, 1996, p. 47).

No dia 17 de dezembro de 1965, o Município de Caxias do Sul e a região ganhavam mais um canal de radiodifusão. Em 25 de março de 1967, entrou no ar a Rádio São Francisco AM, sendo a torre de transmissão instalada em 1966, no Bairro Santa Catarina.

Com a inauguração da Rádio São Francisco, os Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul começaram a atuar em novo setor de rádio. Na atualidade, a Rádio São Francisco Sat é geradora da REDE SUL DE RÁDIO, com sete emissoras do interior do Rio Grande do Sul interligadas via satélite, nas cidades de Caxias do Sul, Veranópolis, Vacaria, Garibaldi, Soledade, Marau e Lagoa Vermelha.

A Rede Sul de Rádio foi inaugurada em 1999 e engloba, atualmente, sete emissoras AM localizadas nas Regiões Norte e Nordeste do Rio Grande do Sul. Atinge uma população de cerca de três milhões de pessoas e mais de cem municípios. É a única rede de rádios via satélite do interior do Estado. (Internet, 2010).

Cinema: nova atuação

A Igreja Católica, através do Clero local, influenciou os cinemas na Região. Muitos cinemas funcionavam em prédios das paróquias, como no caso de Nova Trento, Carlos Barbosa e Nova Prata.

Em Nova Trento, hoje Flores da Cunha, segundo Boscatto (1994), havia um prédio de madeira, erguido por volta de 1910, com o aproveitamento da madeira da antiga Igreja Matriz, demolida para construção de uma nova. Esse local servia como salão de festas, onde se realizavam bailes, representações teatrais e projeções de figuras em movimento, com a primitiva lanterna mágica e, mais tarde, de cinema mudo. O prédio pertencia à Sociedade Pró-Trento. Com a dissolução da sociedade, no início da década de 40 (séc. XX), a Paróquia de São Pedro ficou como única proprietária do referido prédio e do terreno, conforme rezavam os estatutos da mesma.

Outro caso foi o de Galópolis, cujo cinema foi fundado em 1929, com o nome de Cine Operário Galópolis. Foi o primeiro cinema instalado no interior de Caxias e seu fundador e proprietário era um operário, Victorio Diligenti. O cinema foi instalado em prédio de madeira, construído pelo próprio Diligenti especialmente para esse fim.

O Cine Operário Galópolis trabalhava em conjunto com os cinemas Central e Guarany, do centro de Caxias, recebendo os mesmos filmes que aqueles, cuja programação era feita na distribuidora de Porto Alegre. Os rolos de filmes exibidos em Galópolis provinham de Caxias e eram levados de volta pelo ônibus de Júlio Canuto, que fazia a linha do então Distrito ao centro da cidade. Como nos demais cinemas da cidade, exibia seriados americanos, jornais nacionais e franceses. Os filmes, inicialmente em preto e branco, passaram a ser em cores, após a reforma do cinema. Segundo lembranças da filha do proprietário, o cinema não dava grande lucro, mas também não era deficitário. Tal afirmação pode ser comprovada pelo livro-caixa da empresa.

Com o decorrer do tempo, o clero caxiense, na pessoa do pároco local, iniciou campanha contra o cinema, acusando-o de ser obra do demônio, “casa de satanás”. Curiosamente, foi a própria Mitra Diocesana que adquiriu o cinema, mantendo Diligenti como gerente até 1967 e, quando adoeceu, foi substituído por Eugênio Belló. Logo a seguir, o cinema foi fechado.



No Distrito de Criúva, os seus moradores conheceram a arte cinematográfica por através do Clero. Segundo Pante (apud POZENATO; GIRON, 2007, p. 50), o “velho salão paroquial” serviu como cinema, e o “Padre Luchese foi quem montou esse grande atrativo. A máquina rodava filmes de 8 milímetros aos sábados e domingos”. Lembra ainda que as melhores sessões eram as de sábado, que chegavam a reunir mais de cem espectadores. Antes de começar a sessão, “ouviam-se a sirene tocar”. Dante Soldatelli e Jacir Rech auxiliavam o Padre Luchese, “rebobinavam o filme e cobravam as entradas, e tudo o mais”. Os filmes levados a Criúva eram emprestados pelo Cine Ipiranga de São Marcos e, segundo as lembranças de Pante, deixou de funcionar após 1955.

Em 1940, em Bento Gonçalves funcionava o Cine Popular, pertencente à Mitra Diocesana de Caxias do Sul, mais especificamente, à Paróquia de Santo Antônio. Quando foi aberto, situava-se em um prédio de madeira, com a fachada em alvenaria. Iniciou como um cinema improvisado, pequeno, acomodando em torno de cem a cento e cinquenta pessoas no máximo. A entrada era gratuita para todos, pois os filmes se destinavam à catequese de crianças e de jovens, mas, se algum adulto desejasse assistir aos filmes, sua entrada também era permitida.

O Cine Rex de Garibaldi foi comprado pelos Capuchinhos como uma forma de controle em relação aos filmes, que deveriam passar na cidade. Era uma forma de oferecer à população uma orientação mais católica. Segundo com a memória de alguns dos entrevistados, muitos filmes bons deixaram de ser passados em Garibaldi, depois que os padres assumiram o controle do cinema local.

Lembra Silveira que o

Cine Rex foi uma forma de os padres tomarem conta da orientação do filme, então, os filmes passavam a ter uma orientação mais católica, assim, menos pagã, então era uma forma de domínio também. Então as pessoas falavam que muitos filmes bons, depois que os padres pegaram o cinema, pararam de vir para cá. Só no final, então quando o cinema já estava de certa forma decadente é que eles começaram a apresentar outro tipo de filmes. Mas foi bem no fim isso. (Apud POZENATO; GIRON, 2007, p. 110).

Enfim, segundo os depoimentos colhidos em Garibaldi o cinema foi utilizado como uma forma de controle da Igreja Católica sobre a sociedade regional.





A história do cinema em Nova Prata também começa com a igreja. Galeazzi (2001) lembra que, em Nova Prata, foram Abrelino Perin e seu irmão João que “começaram na antiga igreja e depois Salão Paroquial, o Cine São João, os dois jovens que trabalhavam com fotografia”. Foram eles que “registraram, em 1948, a firma Irmãos Perin Ltda. e iniciaram as atividades no Cine São João”.

Na época, em 1948, o vigário era o padre Adolfo Fedrizzi. Segundo Xerri,

O interessante é que antes, quando tinha cinema lá embaixo, o padre falava que o cinema era pecado, chutava os cartazes. Os cartazes na rua com o nome do filme, o horário. Ele dava chute nos cartazes, não queria saber de cinema, achava pecaminoso. E, posteriormente, foi sócio do cinema e inclusive permitiu que se instalasse na antiga igreja. (Apud POZENATO; GIRON, 2007, p. 115).

Na visão de Xerri

em 1951 o salão foi reformado para receber novos aparelhos de projeção. Eles tinham outro cinema antes, se chamava São João Batista. Aí foi levantado o pé direito da Igreja, foi feito o cinema. Como o cinema deu certo, foi construído um novo prédio, ao lado da atual Igreja Matriz, na rua Borges de Medeiros. (2004, p. 74).

As lembranças sobre os cinemas de Carlos Barbosa são poucas e fragmentárias, e os depoentes foram imprecisos em relação aos primeiros cinemas. O certo é que durante muitos anos funcionou um cinema no prédio do Salão Paroquial, chamado *Cinema Ideale*, que funcionou de 1950 a 1975.

Em Caxias do Sul, a primeira sessão do *Cinema Circulista* aconteceu em 28 de janeiro de 1946. (POZENATO; GIRON, 2007, p. 145). Era um cinema ligado ao Círculo Operário Caxiense e assim operou nos primeiros quatro anos. Como cinema aberto, foi inaugurado oficialmente em 19 de março de 1950, com o nome de *Cinema Imperial*. Localizava-se na esquina da Rua Visconde de Pelotas com a Rua Sinimbu, no prédio do Círculo Operário Caxiense, ao qual pertencia, sendo que esse estava ligado diretamente à Mitra Diocesana de Caxias do Sul. A ampla sala de projeção comportava 600 lugares e um mezanino. Viola, que trabalhou por 32 anos no *Cinema Imperial*, explica que, em razão de esse pertencer



ao Círculo Operário Caxiense, era o Círculo que pagava uma porcentagem sobre os filmes que o *Cinema Real* fornecia para o *Cine Imperial*.

Como em outros meios de comunicação, a Igreja, por meio do clero local, procurou aproveitar a capacidade impactante do cinema, fornecendo filmes de cunho católico, para garantir aos seus fiéis um entretenimento com fundamentos cristãos.

Balanço parcial

A imprensa regional foi marcada, em seu período inicial (1897-1914), pelas disputas políticas, que refletiam o que ocorria na sociedade. Na verdade, o jornalismo repetia a instabilidade política regional, envolvendo católicos e maçons e, ainda mais, o próprio nascimento da imprensa regional está diretamente ligado às posições políticas e ideológicas antagônicas existentes na Igreja e na Maçonaria. A primeira, responsável pela direção religiosa dos colonos, e a segunda, responsável pela administração municipal, já que as lideranças do Partido Republicano Riograndense estavam a ela ligadas.

Os jornais ligados à Igreja Católica revelam que havia divergências políticas entre o Clero Secular e as ordens religiosas, e que seu caráter religioso não excluía posições político-partidárias. Ao contrário, era seu caráter religioso que impelia seus membros à defesa papal. As divergências aparecem de forma clara no confronto entre os sacerdotes, realizado via imprensa.

Na RCI no Rio Grande do Sul, como de resto em todo o Brasil, os reflexos da situação europeia se concretizaram na chamada “Questão Religiosa”, que marcou o início da separação entre o Estado e a Igreja. Sacerdotes ligados à Maçonaria foram obrigados pelo Papa a deixarem essa organização. Entre os sacerdotes, havia os que defendiam o direito de existência do Reino da Itália, outros que obedeciam aos princípios da Igreja, defendiam os direitos dos Estados Pontifícios, e outros, ainda, que se posicionavam ao lado do Império Austro-Húngaro. Tais diferenças políticas se acirraram com a proclamação da República, que separou a Igreja do Estado.

A explicação sobre a ação política da Igreja na região parece estar vinculada tanto às suas condições econômicas como ao fato de serem os sacerdotes os elementos mais cultos da região, tendo fundos e competência



necessários para a criação de tipografias, de jornais e de se responsabilizarem pela elaboração das notícias. A romanização do Clero assegurava o apoio irrestrito da Igreja a esse tipo de ação. Dessa forma, o papel da Igreja ganhou novos contornos. Não mais se tratava apenas da religiosidade do colono, mas do controle sobre sua vida e das posições políticas. A Igreja, por meio do Clero, era a única organização com capital para enfrentar de início a imprensa oficial e, mais tarde, a grande imprensa. O fato de um jornal como *o Correio Riograndense* ter completado um centenário de circulação ininterrupta não exige mais palavras ou explicações.

Como pudemos constatar, também nos cinemas o papel da Igreja foi significativo, tanto no controle como na organização. Algumas vezes, a Mitra adquiria cinemas apenas para fechá-los ou, quando a compra não era possível, abria outro para concorrer com o cinema existente. Por outro lado, deve-se reconhecer que, em vários lugares, os párocos criaram cinemas como forma de entretenimento sadio para os católicos, em locais onde não havia praticamente nada em termos de lazer. Sua ação se fez presente em Caxias do Sul, Carlos Barbosa, Nova Prata, Veranópolis e Bento Gonçalves e ainda em distritos como Galópolis e Criúva. O papel da Igreja e sua interferência no setor ficam evidenciados nas declarações de grande parte das lembranças dos entrevistados.

Cabe ainda salientar a peculiaridade que a região apresenta, que é a da manutenção, durante muito tempo, das disputas políticas provenientes da *Unificação Italiana*, entre católicos e maçons. Defensores ferrenhos do Papa e dos Estados Pontifícios, os sacerdotes católicos, que serviram como párocos ou auxiliares nas paróquias, responsabilizavam o governo positivista e maçom pelas perdas territoriais dos católicos. Como resultado, foi mantida a querela política para usos paroquiais e políticos.

A política do Estado Novo (1937-1945), marcada pelo cerceamento da liberdade da imprensa, reduziu o número de jornais nesse período. Em compensação, houve o aumento de sua duração. Tal fato parece estar ligado ao processo de industrialização brasileira, marcada pelo nacionalismo de Vargas e pelo isolamento ocasionado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Tal política influenciou a indústria da comunicação, determinando a criação de empresas jornalísticas profissionais e, portanto, mais estáveis. O maior tempo de duração da circulação dos jornais foi decorrente da criação de empresas jornalísticas.





No período compreendido entre 1946 e 1964, manteve-se a hegemonia de Caxias do Sul, com 58% dos jornais que então foram criados na região, mas a duração dos jornais volta a ser curta. Cerca de 41% deles duraram menos de um ano, dos 24 periódicos então existentes, apenas dois permanecem até 2002.

Em períodos mais recentes, a situação dos jornais não apresenta mudanças significativas. Caxias do Sul continua centralizando não só a população como a criação de jornais. Apesar da manutenção dos vínculos políticos entre a imprensa e a política, mais de 50% dos periódicos se afirmam como noticiosos e independentes. Duas relações destacadas por Sodré (1999, p. 410, 449) devem ser ainda estabelecidas: uma com o poder público e outra com o poder econômico.


Deve-se ainda salientar o surgimento tardio, no caso regional, do jornalista profissional e assalariado. Durante muito tempo, a imprensa foi movida por colaboradores voluntários e não pagos, que se sentiam prestigiados pelo fato de seu nome constar no periódico e se satisfaziam com o fato de terem um espaço para veiculação de suas ideias.

Outro fato que parece estar acontecendo não apenas na imprensa local, mas em todo o País, é o fim do jornal de opinião, que tende a se tornar “o da opinião do dono do jornal”. Como observa Sodré (1999, p. 416), “é evidente que, dentro de certos limites, os jornais são aqui controlados pelos seus proprietários; como se contam pelos dedos os grandes jornais, contam-se pelos dedos esses proprietários”.

Por outro lado, ficou evidenciada a estreita vinculação entre política e imprensa, colocando-se essa, de certa forma, a serviço de grupos econômicos e de facções políticas, mais significativas no contexto regional. Os vínculos explícitos entre imprensa regional e política são evidenciados na primeira metade do século XX; já, na segunda metade, estão apenas implícitos.

Uma das marcas diferenciais da imprensa regional é a presença da Igreja que, desde os primeiros tempos, vem participando do jornalismo, tanto na criação de periódicos como na formação da opinião pública. Merece destaque o trabalho dos Freis Capuchinhos, que, há um século, publicam o *Correio Riograndense*, acompanhando a evolução técnica e a econômica do jornalismo regional e do nacional.




A pouca duração dos periódicos regionais deve-se, de um lado, à ausência de capital, o que impede o acompanhamento do avanço tecnológico e a ampliação de sua área de abrangência. De outro, ao caráter político-partidário de alguns periódicos e ainda ao processo de



concentração do jornalismo nas mãos de poucos. Os periódicos que possuem o respaldo de grupos econômicos são os únicos que sobrevivem ao tempo.



Referências

- ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1962*. Caxias do Sul: São Miguel, s/d.
- ANCARINI, Humberto. Relatório: a colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil (1905). In: DE BONI, Luis A. (Org.). *A Itália e o Rio Grande do Sul, IV*. Porto Alegre: EST, 1983.
- BAGGIO, Frei Décio. Meios de comunicação. In: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luís Alberto. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1996.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Antônio Prado e sua história*. Porto Alegre: EST, 1980.
- BOSCATTO, Claudino Antonio. *Memórias de um neto de imigrantes italianos: pioneiros de Nova Trento*. Flores da Cunha: O Florense, 1994.
- CAPRARA, Andréa. *Bento Gonçalves: jornalismo opinativo*. 1991. Monografia (Conclusão de Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Unisinos, São Leopoldo, 1991, p. 53-56.
- CLEMENTE, Elvo; UNGARETTI, Maura. *História de Garibaldi*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- COLUSSI, Eliane L. *A Maçonaria gaúcha*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis Alberto. *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1996.
- GALEAZZI, Zaira. Entrevista concedida ao Projeto Cinema. Caxias do Sul, 2003.
- HENRICHES, Liliana Alberti (Org.). *História da imprensa em Caxias do Sul*. Museu Municipal; Arquivo Histórico de Caxias do Sul; Pioneiro, 1988.
- HENRICHES, Renato. Entrevista concedida ao Projeto 100 anos. Caxias do Sul, 2003. Redesul. Disponível em: <<http://www.redesul.am.br/index.php?ir=perfil>>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- PANTE, Guadalupe Traslatti. Nosso comércio. In: BERTELLI et al. (Org.). Raízes de São Marcos e Criúva: In: ENCONTRO DOS MUNICÍPIOS ORIGINÁRIOS DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA, 12., Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2005.
- POZENATO, Kenia; GIRON, Loraine. Católicos X maçons: imigrantes italianos: imprensa e lutas políticas. In: DREHER, Martin, RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). *Imigração & imprensa*. São Leopoldo: EST/IHGSL, 2004.
- POZENATO, Kenia; GIRON, Loraine. *Cinemas: lembranças*. Porto Alegre: EST; Suliani Letra & Vida, 2007.
- SILVEIRA, Vicente da. Entrevista concedida ao Projeto Cinema. Caxias do Sul, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 410, 449.



STELLA: *informativo mensal do acervo histórico-cultural do município de Garibaldi*, ano II, n. 4, mar. 1987.

XERRI, Eliana Gasparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul: Educs, 2004.



Recebido em 20 de agosto de 2010 e aprovado em 20 de outubro de 2010.